

A tradução de notícias: novos rumos para a pesquisa em tradução

Meta Elisabeth Zipser

Doutora em Língua e Literatura Alemã pela USP, professora do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC. Pesquisadora do grupo Tradução e Cultura (Trac), desenvolve pesquisa e orienta trabalhos no âmbito da tradução jornalística. metazipser@yahoo.com.br

Silvana Ayub Polchlopek

Mestre em Estudos da Tradução pela UFSC, professora de língua inglesa em instituições particulares de ensino e membro do grupo Trac. sil-in-sc@uol.com.br

*As notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos
(Nelson Traquina)*

■ Resumo

A quantidade de informação que circula hoje é representativa, fato que coloca o jornalismo como organizador de perfis culturais na sociedade, visto que as notícias passam por um “filtro” dentro de cada contexto para o qual o fato é relatado, influenciando o modo como este é recebido pelo leitor final. Nesse sentido, o tratamento dispensado à notícia, em ambiente internacional, leva necessariamente a deslocamentos de enfoque, configurando o jornalismo como a tradução do fato noticioso, ou seja, sua representação cultural (ZIPSER, 2002). Ancorado nas teorias de Christiane Nord (1991 - tradução) e Frank Esser (1998 - jornalismo), este artigo tem por objetivo pensar essa interface nos contextos das revistas Veja, Time e Der Spiegel, dentro do caráter interdisciplinar dos estudos tradutórios.

Palavras-chave: Tradução. Jornalismo. Funcionalismo. Cultura.

■ Abstract

The quantity of information available today is outstanding, which is why journalism is an organizer of society profiles, since each piece of news is “filtered” in the context it relates to, reflecting on the way it is received by the reader. Therefore, the handling of news, at an international level, calls for changes in focus, which makes journalism as the translation of a piece of news, that is, its cultural representation (ZIPSER, 2002). Based on the theories by Christiane Nord (1991 - translation) and Frank Esser (1998 - journalism), this paper aims at analyzing how this works in magazines such as Veja, Time and Der Spiegel, always referring to translation studies.

Key-words: Translation. Journalism. Functionalism. Culture.

Nos últimos 20 anos, os estudos da tradução têm apresentado a evolução de teorias, conceitos e métodos

de pesquisa próprios, o que tem favorecido a parceria com áreas afins e possibilitado a criação de interfaces de investigação. Uma dentre as mais recentes parcerias oferece interessantes perspectivas de pesquisa e reforça o caráter interdisciplinar dos estudos tradutórios, constituindo o foco deste artigo: a interface tradução-jornalismo.

A atividade tradutória na área jornalística é normalmente relegada ao que convencionamos chamar de tradução consensual, com base em um texto-fonte (TF) presente na cultura das redações, caso em que o próprio jornalista assume a “função” de tradutor, bastando para isso conhecer o idioma e o estilo do veículo para o qual escreve (exigência também para os tradutores profissionais) ou ter traduzido anteriormente sem alterar ou distorcer a informação factual. Entretanto, ao se falar de jornalismo, existe um fator conhecido pelos profissionais da área, chamado “valores-notícia”, isto é, atributos do fato que o fazem ter características para ser aceito ou não como notícia, além da questão de foco e de angulação,¹ que determinam a forma como a notícia será abordada. Mesmo matérias traduzidas de um TF não são divulgadas sem antes passarem por responsáveis - editores-chefes, chefes de redação -, que podem vir a modificar os textos, postura esta válida também para a tradução literária, com os *copy-desks*, por exemplo.

Com base nessa realidade, a pergunta que se deve fazer é por que essas alterações são previstas nos textos e se existe algum(ns) fator(es) que motive(m) essas alterações. Lembramos que a imprensa é uma instituição social e que vive, primordialmente, de notícias que ocorrem dentro ou fora do universo no qual está inserida; portanto, não está isenta de receber influências externas, especialmente culturais. No contexto dessa lógica, presumimos que nossa leitura dos acontecimentos seja, assim como a tradução, apenas uma das muitas que um mesmo fato pode receber, de acordo com a cultura para a qual se destina, permitindo-nos tecer comparações acerca destas áreas – tradução e jornalismo – e trabalhar com um conceito de tradução que difere dos moldes reconhecidamente mais tradicionais. Não é novidade o fato de a tradução e a redação de notícias sofrerem influência de contextos sociais, políticos, econômicos e culturais, mas sim a forma como isso se dá no meio jornalístico quando paramos para pensar que toda e qualquer notícia se origina num fato – num acontecimento noticioso.

De forma a sustentar nossos argumentos, fazemos

uso de dois modelos distintos e comparáveis, cujos pontos de convergência constituem nosso objeto de estudo: o da teórica funcionalista alemã Christiane Nord (1991, 2004) para a tradução e o do jornalista, também alemão, Frank Esser (1998). Circunscrevendo a interface, fazem-se presentes a noção de interculturalidade e o conceito de tradução cultural propostos por Zipser (2002), explicitados a seguir.

■ A interface

Num primeiro momento, falar em “interface tradução-jornalismo” pode causar uma certa estranheza semelhante àquela de quando se fala em tradução sem que haja, necessariamente, um TF, visto que são áreas - aparentemente - distintas. Tal sensação, entretanto, não se justifica. Essa interface tem como princípio questionar a existência de textos ditos neutros e imparciais, além de considerar a linguagem como manifestação cultural, ou seja, um ato vinculado a seu contexto de produção. Dessa maneira, a linguagem se constitui como produto de um meio social e também como processo formador de sentidos. Portanto, desconsiderá-la como uma manifestação cultural equivale ao que se poderia chamar de um primeiro paralelo entre tradução e jornalismo: a transcodificação isenta é, para a tradução, o que a neutralidade representa para o jornalismo (ZIPSER, 2002, p. 32).

Nosso estudo parte de uma noção ampliada de texto que se desloca para um ponto anterior: não necessariamente a um TF, mas a um fato gerador (FG), ou fato-fonte, que se constitui no próprio evento noticioso, isto é, o fato que origina a notícia. Essa postura nos permite compreender o ato tradutório como inserido num contexto real de situação comunicativa e de cultura, princípios que constituem a essência do funcionalismo nos estudos da tradução cuja compreensão de texto é a de uma situação comunicativa (fato) determinada por comportamentos culturais dos indivíduos integrantes dessa comunicação; no caso, o jornalista/tradutor e o(s) leitor(es). Lembramos Mayra Rodrigues Gomes (2000, p. 19), para quem, antes de registrar e informar, “o jornalismo é ele próprio um *fato de língua*” (grifo nosso), cujo papel ou função na instituição social é organizá-la discursivamente, ou seja, dar visibilidade a outras instituições (história, saúde, esportes, política, governo) integrantes dessa situação comunicativa.

Tal realidade se torna ainda mais significativa pelo fato de que as matérias jornalísticas, assim como as traduções, não estão imunes a sua condição geográfica, histórica, e à hierarquia existente nas redações (editores, redatores, chefes de redação, por exemplo). Nesse contexto, pressupomos a existência de **filtros culturais**, isto é, elementos naturais integrantes do sistema de comunicação intercultural, pautados nos valores culturais da sociedade para a qual o texto se destina, encurtando assim a distância entre o fato ocorrido e aquele veiculado pela imprensa, em especial quando as notícias transitam em ambientes internacionais. Esses filtros atuam no processo de constituição de sentido dos textos, auxiliando o leitor quanto à compreensão dos fatos e acontecimentos.

Sempre há, nesses casos, um recorte quanto à maneira de abordar o fato, tendo em vista, principalmente, o leitor em prospecção, as características do veículo e os critérios de valores-notícia (FRANZON, 2004) determinados pelo público, pela redação, pelo veículo, pela cultura e pelo próprio jornalista. “Tal processo nada mais é do que um correlato, no universo da imprensa, das leituras que se fazem de uma realidade, de um fato. Trata-se, enfim, **de uma leitura e não da leitura** desse mesmo fato” (ZIPSER, 2002, p. 3, grifo nosso).

■ A tradução como representação cultural

É precisamente com essa concepção que concretizamos a interface tradução-jornalismo. Ambos os processos, o tradutório e o jornalístico, sofrem a influência de variáveis externas e internas a sua produção textual, gerando diferentes perspectivas de abordagem para um mesmo evento noticioso, sempre em relação de dependência com o contexto cultural de origem do fato e com aquele para o qual é relatado. Nesse sentido, a abordagem comparativa em ambiente internacional é validada, visto que essas perspectivas de enfoque, a situação histórico-social em que a matéria foi produzida, o modo como o texto é organizado para chegar até o leitor-destinatário e o conjunto de características (perfil) do jornalismo de cada país são mais claramente identificáveis. Não há mais sentido, portanto, na antiga “teoria do espelho”, segundo a qual as notícias são como são porque a realidade as determina, símbolo de um jornalismo antes desinteressado (TRAQUINA, 2001, p. 65).

Tomando por base esse conjunto de variáveis, afirmamos que as diferentes leituras que fazemos acerca de um mesmo fato representam diferentes “traduções” dele, pois os processos constitutivos da elaboração de uma notícia se aproximam daqueles utilizados para a tradução. Portanto, a tradução jornalística se coloca em termos culturais e não meramente como uma transcodificação lingüística, a exemplo do que comumente se espera da atividade tradutória. Em conseqüência, as próprias escolhas de abordagem para o fato já não podem ser consideradas “neutras”. Sobre isso:

Dessa forma, o produto final da reportagem estabelece um vínculo com os fatos, que será o resultado do gerenciamento de múltiplas variáveis, ditadas pelas esferas políticas, sociais, econômicas, pela condicionante da história, pela extensão da liberdade de imprensa, pelo teor de formação de seus agentes e, não menos importante, pelo perfil do público ao qual se destina. (ZIPSER, 2002, p. 3)

A percepção do envolvimento de parâmetros culturais durante esse processo de transposição ou “tradução” das notícias entre fronteiras internacionais estabelece um novo conceito para se pensar a tradução em meio jornalístico: *a tradução como representação cultural*, oposta à noção de *transcodificação isenta*, conforme ditada pelos manuais de redação. Assim, se considerarmos que um mesmo fato noticioso pode ser visto e noticiado de formas diferentes nos diversos ambientes culturais, passamos a conceber a tradução em ambiente jornalístico como uma *tradução peculiar*: vamos além do ambiente do texto e chegamos no fato, no acontecimento.

A partir desse nível, a *tradução* desse fato, desse acontecimento, passa a ser noticiada nas diversas culturas e línguas. Tanto o tradutor quanto o jornalista, muitas vezes visto como jornalista-tradutor por escrever em idiomas que não o seu, percorrem esse caminho ao encontro de seu leitor. Na verdade, a função de um texto só se concretiza quando este é lido, trabalhado por esse leitor. No mundo jornalístico, esse mesmo texto representa ainda um produto final ao mesmo vendável e competitivo. Dessa forma, a leitura que fazemos das notícias é, a exemplo da leitura de uma tradução, apenas uma das muitas que um mesmo fato/texto pode receber, de acordo com o contexto cultural para o qual se destina. A isso chamamos *deslocamento de enfoque*, ou seja,

as diferentes abordagens que um mesmo fato noticioso recebe, ao ser transportado de uma língua/cultura para outra. Essas várias leituras fazem que o enfoque dado ao fato sofra deslocamentos, diferenciações, adequações ao ambiente de recepção.

Assim, o jornalista, por sua vez, passa a assumir a postura de “tradutor” do fato. Tal posicionamento implica uma percepção mais aguçada dos parâmetros culturais envolvidos no relato noticioso, de modo a fazer que o texto final - a reportagem impressa - funcione culturalmente para seu público-leitor, ou seja, de modo que o leitor-destinatário possa reconhecer no texto padrões comuns a sua cultura e depreender sentido dele. Nem sempre o leitor-destinatário é conhecido do jornalista ou mesmo do tradutor, a não ser que este último tenha recebido determinadas instruções sobre para quem deverá traduzir o texto. No caso do jornalista, só é possível reconhecer, na maioria das vezes, o perfil geral do público-leitor em vez de detalhes sobre suas preferências de abordagem para o fato.

Esse reconhecimento só é possível porque o jornalista/tradutor compartilha da cultura do receptor. Tal fato resulta na tentativa (consciente ou não) por parte do tradutor-jornalista de aproximar o fato do leitor que está cultural ou geograficamente distante dele. Podemos dizer, assim, que o jornalismo funciona como um mapa cultural da sociedade: pauta o que o público fala, discute e comenta, informa e forma opiniões, além de atuar como um organizador e tradutor de perfis sociais, isto é, representar as características dos grupos sociais para os quais os fatos noticiosos são relatados. Discordamos, nesse sentido, de Traquina (2001), pois a imprensa não só sabe dizer ao público *sobre* o que pensar, mas também *como* pensar.

Convém ressaltar que a literatura jornalística normalmente utiliza o termo *traduzir* referindo-se a uma escrita que represente o fato tal como ele ocorre, de modo a possibilitar sua compreensão pelo maior número possível de leitores. Até o presente, essa mesma literatura não associa a idéia de *traduzir* à necessidade da adequação cultural dos textos jornalísticos aos leitores aos quais se destinam. Como forma de embasar nossas considerações, apresentamos, na seqüência, os modelos de Nord (1991) e Esser (1998).

■ O modelo de Christiane Nord

Nord conceitua o ato tradutório como um

processo de comunicação intercultural que envolve três figuras principais: o emissor, o tradutor (atuando como mediador entre culturas) e o receptor (o leitor destinatário). Suas reflexões, de cunho funcionalista, determinam três pontos principais, a saber: i) todo texto (traduzido ou não) é inserido em uma situação comunicativa, isto é, são gerados a partir de uma situação concreta (nesse caso, o fato noticioso); ii) toda produção textual, com algumas raras exceções, é essencialmente prospectiva, ou seja, voltada a um receptor que traz consigo experiências intertextuais, experiências de outras leituras; iii) todo texto traz uma *intencionalidade*, uma *função* (*skopos*), realizada somente quando de sua recepção pelo destinatário, além de ser uma condição determinante da produção textual.

O fato de que a tradução é um ato-comunicativo-em-situação,² voltado a um leitor prospectivo, faz do processo tradutório um ato culturalmente marcado pelas referências culturais do contexto do qual o leitor-destinatário participa, uma vez que a tradução, segundo a autora, não ocorre somente ao nível do código, mas, primordialmente, ao nível da cultura³ na qual esse leitor está inserido. O leitor define, assim, o *skopos* da tradução e, também, as estratégias, escolhas e decisões do tradutor e, nesse caso, do jornalista ao longo do processo de escrita. Nesse sentido, compartilhamos com Nord o fato de que os textos devem *funcionar culturalmente* para o leitor no que diz respeito ao processo de produção de sentido na leitura, sobre o qual a autora comenta:⁴

As seguintes considerações se baseiam em um conceito funcional da comunicação. Se é verdade que a tradução é uma forma de comunicação intercultural, a *tradução funcional* busca produzir textos que não só “funcionem” na cultura-alvo, como também funcionem da maneira pretendida pelo cliente que tenha encomendado a tradução. (Nord, 2004: grifos da autora)

Buscando uma ação que respeite a funcionalidade textual, a autora propõe uma série de critérios externos e internos como caminho de análise dos fatores que integram a produção textual, para então pensar quais são os fatores a serem considerados numa eventual tradução. Convém ressaltar, no entanto, que o modelo proposto por Nord não pretende ser aplicado a vários tipos de textos, não sendo, portanto, concebido exclusivamente para textos jornalísticos. Esse modelo é adaptado por nós ao processo de tradução cultural em

ambiente jornalístico, tendo em vista o fato de destacar elementos que o tradutor-jornalista precisa considerar em se tratando de um modelo funcionalista.⁵

Tais critérios partem da análise de um TF a fim de que o tradutor possa antecipar pontos em que terá que retrabalhar o texto com base na cultura-meta, tornando-o mais funcional ao destinatário. Os critérios de análise envolvem: i) **fatores-extratextuais (FE)** ou a situação comunicativa (moldura histórico-social) de recepção do TP e de produção do texto traduzido (TT): emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, propósito e função; ii) **fatores-intratextuais (FI)** ou os constituintes internos que se articulam para veicular a mensagem: tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não-verbais, léxico, sintaxe, elementos supra-segmentais e efeito do texto. Temos aqui mais um ponto de aproximação que configura nossa interface de trabalho: o paralelo entre os FE, propostos por Nord, com as perguntas geradoras do lead (ou lide) clássico que resume a matéria para o leitor: quem/o quê, fez o quê, quando, onde, como, por que/para quê. Os FE e os FI são interdependentes e atuam em dinâmica constante; isso significa que qualquer modificação em um desses níveis afeta os outros inevitavelmente. Uma última observação se faz ainda necessária sobre o modelo de Nord: o fato de que textos jornalísticos, nesse sentido, satisfazem uma condição inerente à proposta: são textos autênticos, em contexto de situação real (NORD, 1991).

■ O Modelo de Frank Esser

O outro vértice desse triângulo de análise encontra-se no trabalho do jornalista alemão Frank Esser.⁶ O autor compreende o jornalismo como um *sistema parcialmente* atuante na sociedade, isto é, o jornalismo influencia a partir da prática adotada nas redações, ao mesmo tempo que é influenciado pelo ambiente social no qual está inserido e que também representa (ESSER, 1998, p. 478). Essa concepção aponta, a exemplo de Nord, para fatores de influência que afetam a produção textual, especificamente a jornalística, e que interferem também na maneira como o público-leitor recebe (lê) os textos e na abordagem dada à notícia.

O autor afirma que “o jornalismo de cada país é marcado pelas condições emoldurais sociais gerais, por fundamentos históricos e jurídicos, limitações econômicas, bem como por padrões éticos e profissionais de seus agentes” (ESSER, 1998, p. 21). Sua reflexão tem por base o conceito de *interculturalidade*⁷ no que se refere ao fato de que o jornalismo de cada país possui uma identidade nacional e cultural própria, presentes no modo de a imprensa noticiar, informar e formar a opinião do leitor. Esses condicionantes são sistematizados pelo autor no que chama de *Modelo Pluriestratificado Integrado* (ou *Metáfora da Cebola* - Fig. 1). Segundo o modelo, aspectos sociais, políticos, normativos e subjetivos emolduram e interagem de forma dinâmica no espaço da prática jornalística sempre permeados pela ética, sendo específicos a cada contexto cultural. Tal perspectiva questiona a visão consensual do compromisso jornalístico com a neutralidade, a transcodificação isenta que desconsidera o dinamismo da linguagem e os fatores que influenciam o processo de formação de sentido dos textos.

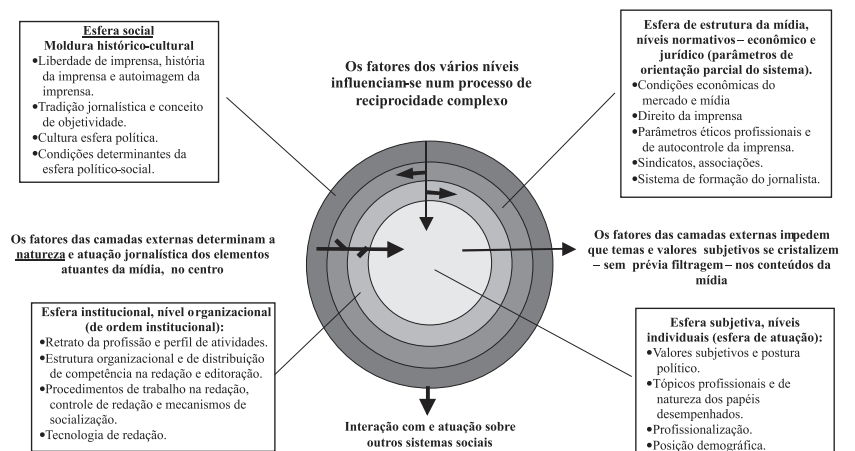


Fig. 1. Modelo Pluriestratificado Integrado (ESSER, 1998)

Do ponto de vista teórico, Esser aproxima-se dos estudos da tradução por sistematizar, assim como Nord o fez para a tradução, elementos que nos permitem explorar a forma de atuação do jornalismo em ambiente internacional e, por consequência, compreender os mecanismos que nos levam aos diferentes enfoques dados aos fatos quando se deslocam internacionalmente. Ambas as sistematizações - de Esser e Nord - vinculam a produção de sentido também à noção de cultura.

Tudo isso se deve porque, quando em contexto estrangeiro, o pesquisador tende a partir de seus próprios

valores e referências, de cultura ou experiência de vida, para analisar fatos e circunstâncias. Logo, pensar a interculturalidade abre espaço para a compreensão do Outro por meio de *sua* ótica e não de nossos próprios parâmetros, o que poderia implicar julgamentos precipitados, equivocados ou mesmo glorificações (ESSER,⁸ 1998, p. 19). Dessa forma, a percepção dos condicionantes interculturais passa a ser essencial, pois “sob essa perspectiva, as tarefas de tradutores e jornalistas encontram uma base dinâmica: a da autoconsciência cultural para o encontro com o Outro em sua diferença e de volta ao Próprio” (ZIPSER, 2002, p. 11).

As variáveis apresentadas pelos autores tornam-se, portanto, responsáveis pela existência de uma dinâmica interativa entre produtor textual (tradutor/jornalista) e o receptor (leitor-destinatário). Essa é uma relação nem sempre isenta de percalços, visto que a presença de variáveis culturais exige monitoramento constante por parte do produtor textual com vistas a manter a comunicação entre TF e TT ou entre FG e o relato da notícia.

■ Marcas culturais e o deslocamento de enfoque

Para exemplificar as sistematizações apresentadas neste artigo, selecionamos trechos⁹ de reportagens das revistas *Veja*, *Time* e *Der Spiegel*, representativas dos contextos brasileiro, americano e alemão, respectivamente. Elas se referem a dois fatos marcantes na história mundial recente: os atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos (*Veja/Time*), e a queda do muro de Berlim, em 1989 (*Veja/Der Spiegel*).

Ao observarmos o texto de *Der Spiegel* (revista alemã de circulação ampla, destinada a um público leitor de senso crítico e discernimento apurado) de novembro de 1989 (n. 46, p.18-28), escrito originalmente em alemão e com o título *Eine friedliche Revolution* (Uma revolução pacífica), a queda do muro de Berlim é expressa pelo antagonismo formado por *Revolution* (revolução), de um lado, e *friedliche* (pacífica), de outro. Esse título reflete todas as expectativas e temores da população alemã - e não só dela! Temia-se que, se um dia o Muro de Berlim viesse a cair, isso aconteceria sob batalha sangrenta, de conseqüências assustadoras. Mas aconteceu pacificamente, uma revolução importantíssima, mas pacífica. Esse título, seguido de um texto detalhado,

resgata a história de um povo e relata que esse mesmo povo participou decisiva e pacificamente da condução dos fatos que levaram à queda do muro.

Já o texto da *Veja*, também de novembro de 1989 (n. 46, p.130-140), escrito originalmente em português, ancora seu título na história do Brasil – “Já raiou a liberdade”, trecho do “Hino da Independência” – e apresenta o mesmo fato noticioso, prometendo ao leitor, já no subtítulo, “uma nova era de surpresas”. Ao fazer uso de parte de uma estrofe do Hino da Independência, o texto de *Veja* traz uma analogia que se confirma ao longo da leitura. Tal procedimento cria, de início, um ambiente propício para que o leitor brasileiro perceba a dimensão, para os alemães, do fato noticioso.

Em relação ao 11 de setembro, *Veja* e *Time* foram selecionadas por terem publicado edições especiais sobre os atentados, além de serem dois periódicos reconhecidos no mercado editorial e que alcançam uma grande parcela de leitores em seus países de publicação. O título de capa da norte-americana *Time* (September 24th, n. 11) - “One nation, indivisible” (uma nação, indivisível) - busca passar a imagem de um país que, mesmo abalado diante de um fato de grande tragicidade, permanece unido e acredita ser capaz de vencer a luta contra o terror e seus inimigos. Não deixa de ser, também, um recado às nações estrangeiras onde circula a revista: os norte-americanos estavam se preparando, unidos, para a guerra, e iriam triunfar. Já a revista *Veja* (setembro, 2001, n. 37) apresenta o seguinte título: “O império vulnerável”, buscando revelar ao leitor brasileiro, por meio do adjetivo “vulnerável”, o que considerava a realidade por detrás dos atentados: a fragilidade do país que o Brasil conhecia como nação-império. As marcas culturais mais significativas envolvem o WTC¹⁰ (*Time*, September, 1989, p. 17-19):

(1) *They are missing. I am looking for these two great brothers of New York;*

(2) *The towers were the lodestars (...). Those were my local mountains;*

(3) *The World Trade Center were so big that they had their own zip code; will that number now be retired, like that of a baseball hero suddenly gone;*

(4) *The rest of the city was strangely quiet, missing something, like when you have a teeth pooled and keep feeling for the space with your tongue.*

A revista aproxima os leitores do fato, em especial os nova-iorquinos, personificando e comparando as

torres aos heróis do beisebol, principal esporte dos Estados Unidos, cujo número de camisa (a exemplo do código postal que era utilizado nas torres) é imortalizado depois de sua “aposentadoria”. A revista brasileira (setembro, 2001, p. 48-59), por outro lado, retrata as torres da maneira como os leitores brasileiros a viam, símbolos da economia capitalista, ou seja, um “sistema de vida”, vigente também na economia brasileira, evidenciando a aceitação da figura dos Estados Unidos como império condutor da economia mundial.

(5) *O país mais poderoso do mundo viu ícones de sua identidade nacional ser alvejados com desconcertante facilidade;*

(6) *As torres gêmeas do World Trade Center, cujo destaque no horizonte de arranha-céus de Nova York simbolizava a supremacia econômica da superpotência;*

(7) *As Torres do World Trade Center;*

(8) *Os aviões da semana passada não foram jogados contra prédios, mas contra um sistema de vida.*

Assim procedendo, o jornalista-tradutor desenvolve uma estratégia de produção textual de adequação a seu público-leitor definida por nós como a *representação cultural* do fato noticioso. Trata-se dos mesmos fatos noticiosos – a queda do muro de Berlim e o 11 de setembro – apresentados ao leitor por meio de perspectivas adequadas a sua cultura, segundo os fatores de influência sistematizados por Nord e Esser. Trata-se, portanto, do mesmo tema, mas relatado sob perspectivas culturais distintas, não somente em línguas diferentes.

■ Considerações finais

A presença de marcas culturais nos textos confirma a tentativa, consciente ou não, por parte do jornalista-tradutor de aproximar o fato de um leitor que se encontra cultural ou geograficamente distante desse fato. Essas referências, com a mesma naturalidade com que atravessam fronteiras, definem valores inerentes aos mais diversos contextos culturais e asseguram o processo de comunicação. Tal fato é o que legitima a tarefa do tradutor: *o motivo da integração entre as diversas línguas* (POLCHLOPEK, 2005a, *grifo nosso*). A presença dessas marcas culturais nos textos, embora nem sempre facilmente visíveis, é uma constante que vai além de estabelecer a ponte entre o conhecimento prévio do leitor-destinatário e o novo, adquirido por meio da leitura.

Essa realidade confirma o que diz Nord (2004¹¹) sobre o fato de que a função textual somente se completa quando o texto é, de fato, lido:

A função ou funcionalidade não é uma qualidade inerente aos textos. É o *receptor* do texto quem lhe atribui uma função no mesmo instante e na situação na qual o recebe. O produtor de um texto seja o autor ou o tradutor (...) precisa da cooperação do receptor que, por sua vez, se deixa guiar pelos indicadores funcionais que encontra tanto na situação comunicativa como no próprio texto.

Essas escolhas, bem como a própria seleção do que fará parte das reportagens, *do que e como* será relatado, corroboram o que discutimos no início deste artigo: os princípios que regem o jornalismo (neutralidade, objetividade) sobrevivem à margem da ética de seus profissionais, pois não têm o domínio na prática em si. Para os pesquisadores jornalistas, essa afirmação certamente poderia causar um terremoto, visto que são conceitos arraigados e transmitidos nos cursos de jornalismo como uma via de mão única e que não permite outros caminhos.

Da mesma forma, para os pesquisadores voltados à tradução, em especial em sua acepção mais clássica - TF ® TT - o conceito de tradução cultural pode assumir contornos do que se chamaria uma “metáfora de tradução”, ou seja, a tradução jornalística não seria de fato uma tradução, apenas lembraria uma. Isso, no entanto, não se verifica conforme os exemplos discutidos e outros tantos que podem ser analisados além dos limites deste artigo (POLCHLOPEK, 2005b). Lembramos Lya Wyler (2003, p. 36) ao descrever o primeiro *ato de tradução* de nossa história, partindo justamente de um FG: a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, na qual relata a chegada à nova terra, os habitantes, os atos de índios e portugueses. Se houvesse a possibilidade de termos acesso a algum registro feito pelos índios, certamente teríamos o mesmo fato/evento descrito sob uma ótica bastante peculiar, provavelmente expondo o estranhamento aos costumes e modos portugueses.

Como leitores de textos jornalísticos, estamos, diariamente, em contato com leituras diversas acerca dos mesmos fatos, sem, no entanto, nos darmos conta disso. Como consequência, somos levados a acreditar no que lemos como a única leitura possível das notícias, quando não o é. Nesse sentido - e, ressaltamos, no âmbito do jornalismo -, a tradução cultural adquire visibilidade e

materialidade por meio da interface apresentada, sendo pertinente como campo de pesquisa. Acreditamos, nesse sentido, que o perfil de um pesquisador é o de instigar pensamentos diferentes e estar aberto a novas possibilidades, o que é representativo de nossa proposta: pensar jornalismo e tradução sob perspectivas diferentes, mas que se complementam e se enriquecem entre si.

■ Referências

ESSER, Frank. Die Kräfte hinter den Schlagzeilen - Englischer und deutscher Journalismus im Vergleich. München/Freiburg: Verlag Karl Arber, 1998.

FRANZON, Erica. *Os valores-notícia em telejornais*. Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. São Paulo, Hacker Editores, Edusp, 2000.

MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

NORD, Christiane. Comunicarse funcionalmente en dos lenguas. In: FABER, Pamela; JIMÉNEZ, Catalina; WORJAK, Bernd. *Léxico especializado y comunicación interlingüística*. Granada: Granada Lingüística, 2004.

_____. *Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St Jerome Publishing, 1997.

_____. *Kommunikativ handeln auf Spanisch und Deutsch. Ein übersetzungsorientierter funktionaler Sprach- und Stilvergleich*. Wilhelmsfeld, 2003.

_____. *Text Analysis in Translation*. Trad. Christiane Nord e Penelope Sparrow. Atlanta: Rodopi, 1991.

POLCHLOPEK, Silvana. *A interface tradução-jornalismo: um estudo de condicionantes culturais e verbos auxiliares modais sobre textos comparáveis das revistas Veja e Time*. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2005b.

_____. *A tradução de textos jornalísticos – marcas culturais aproximando fronteiras*. Comunicação apresentada na XIII Jornadas de Jovens Pesquisadores do Grupo Montevideo, Tucumán, Argentina, 2005a.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do Jornalismo no séc. XX*. Editora Unisinos, RS, 2001.

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis - uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ZIPSER, Meta Elisabeth. *Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. Tese apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2002.

■ Periódicos

Der Spiegel (Hamburgo), n. 46, nov. 1989, Spiegel-Verlag Rudolf Augstein GMBHm&CO.KG.

Time Magazine (Hollywood). Special edition, n. 11, v. 158, Sep. 24th, 2001. Latin America Edition - Time Inc. International.

Veja (São Paulo), n. 46, nov. 1989), Abril.

Veja (São Paulo). Edição especial, n. 37, 19 set. 2001, Abril.

■ Notas

¹**Foco:** é o que o repórter centraliza na matéria, o assunto ou tema principal. Se, depois, imaginarmos esse tema como sendo um prisma de cristal, é possível chamarmos de **ângulo**

cada um dos lados desse prisma, obtendo diferentes abordagens para o tema. Assim, o ângulo vem a ser a direção do olhar do repórter; da equipe de redação; de uma pauta, sobre o prisma-tema (MEDINA, 1988).

²*Communicative act-in-situation* (NORD, 1991). Significa dizer que os textos carregam dimensões históricas e culturais que condicionam o conhecimento, as expectativas e as avaliações, bem como o ponto de vista dos agentes envolvidos no ato comunicativo, seja verbal ou escrito.

³Segundo Nord: “Language is to be regarded as part of culture (...) and communication is conditioned by the constraints of the situation-in-culture” (NORD, 1997a, p.1)

⁴“Las siguientes consideraciones se basan en un concepto funcional de la comunicación. Si es verdad que la traducción es una forma de comunicación intercultural, la traducción funcional procura producir textos que no sólo ‘funcionen’ en la cultura meta, sino que también funcionen de la manera pretendida por el cliente que ha encargado la traducción” (NORD, 2004).

⁵A proposta da autora é a de uma tradução orientada para análise textual, sistematizada mais especificamente para o treinamento de tradutores. Na prática, ainda que muitos desses fatores pareçam óbvios, essa sistematização promove uma reflexão acerca da condução do processo, permitindo ao tradutor conscientizar-se de seus passos e avaliar a qualidade de seu trabalho.

⁶A proposta de Frank Esser resulta ainda inédita no contexto brasileiro, cujas reflexões derivam de sua tese de doutoramento, ainda não traduzida para o português. Seu estudo está presente no trabalho de Zipser (2002).

⁷O conceito de interculturalidade trata, de forma geral, do fenômeno de interação entre culturas diversas, de

descentralização e apreciação de diferenças, de modo que se possa caracterizar a singularidade de cada indivíduo, juntamente com seu contexto cultural (POLCHLOPEK, 2005b).

⁸"Eine international vergleichende Studie birgt Gefahren. Als Feldforscher im fremden Land betrachtet man seinen Untersuchungsgegenstand durch die Brille des Ausländers und bewertet das Wahrgenommene nach den Maßstäben seines Heimatlandes. Das kann zu Mißverständnissen, vorschneller Kritik oder Glorifizierung führen." (ESSER, 1998, p. 19)

⁹Por razões de adequação às normas deste artigo, não reproduzimos as reportagens analisadas integralmente.

¹⁰World Trade Center – as torres gêmeas.

¹¹"La función o funcionalidad no es una cualidad inherente a los textos. Es el *receptor* de un texto quien le atribuye una función en el mismo ins-tante y en la situación en la que lo recibe. El redactor de un texto, sea autor o traductor (...) necesita la cooperación del receptor, quien, a su vez, se deja guiar por los indicadores funcionales que encuentra tanto en la situación comunicativa como en el mismo texto" (NORD, 2004).